



“O Herói”

- Por favor parem o Universo. Quero apear-me... - sussurrava com voz de vento o velho louco, enquanto deambulava pelas ruas da vila, indiferente à dança das estações, ou cruzando a aridez das planícies.

O tempo nevara-lhe os longos cabelos e a barba hirsuta que lhe ocultava as rugas lavradas no rosto.

Caminhava descalço, vestido apenas com uma túnica branca, indiferente às pedras dos caminhos, ao cálido desconforto do alcatrão, aos cardos da beira da estrada, como se nada o pudesse ferir nem atingir.

Primeiro, a sua passagem causava estranheza, depois indiferença em quem o via. Era só mais uma criatura sem rumo, como outras que já por ali haviam passado: corpos ambulantes, cadavéricos, que pareciam ter perdido a alma em algum beco escuro duma rua erma, onde se haviam cruzado com a droga, o álcool ou outro vício qualquer.

Muitas vezes, as janelas e as portas fechavam-se, à medida que ele se aproximava. O seu aspecto causava desconfiança e receios infundados. Por vezes, atribuíam-lhe pequenos delitos, furtos inexplicáveis de quantias insignificantes – embora nunca houvesse qualquer prova contra ele.

Raramente respondia a qualquer pergunta, a frase murmurada era sempre a mesma, enigmática, estranha, às vezes enraivecida, outras resignada, sempre sem sentido:

- Por favor, parem o Universo. Quero apear-me!



Enfim, o que quererá dizer aquele doido? – indagava quem o ouvia. Mas não havia qualquer resposta e todos encolhiam os ombros com desdém.

Sobre o seu passado desconhecido circulavam várias histórias, que escorriam nas vozes do povo como afluentes de um rio caudaloso, desaguando sempre na censura ou na indiferença.

Uns diziam que ele ficara assim quando a mulher e o filho tinham falecido num acidente de carro. Acrescentavam que fora o álcool a causa da sua desgraça e também do fatídico acidente do qual havia sido responsável. A verdade é que ninguém sabia concretamente onde vivia nem como se sustentava. Outros garantiam que ele teria sido, talvez, um prisioneiro foragido, um criminoso endoidecido pela culpa, sem remédio para a sua alma atormentada. Havia quem dissesse que fora uma espécie de cientista, vítima de qualquer explosão, ou talvez um sonhador endoidecido por obsessões sobre-humanas (uma espécie de D. Quixote de La Mancha), ou por delirantes amores não correspondidos. Inventavam-se também histórias mirabolantes: que era um feiticeiro, uma espécie de bruxo prisioneiro do tempo, que praticava magia negra e podia lançar feitiços a quem o insultasse ou se intrometesse na sua vida. Imediatamente, se encontravam exemplos de estranhos rituais ou de acontecimentos aparentemente inexplicáveis: galinhas pretas desaparecidas, altares nas encruzilhadas...

Pareciam ser tantas as histórias que sobre ele corriam, como os anos que lhe haviam sulcado as rugas no rosto e curvado o corpo esguio.

A verdade é que vivera inúmeras vidas: havia sido médico, soldado corajoso, herói adiado, pai, esposo. Combatera na Guiné, fora o único sobrevivente de um ataque atroz que dizimara todo o pelotão. Sentira a vida do melhor amigo esvaír-se-lhe nos braços, numa massa de sangue, perante a impotência dos seus conhecimentos de medicina. Depois, vingara-lhes a morte com a mesma crueldade irracional.



Anos depois, na noite em que havia deixado a esposa e o filho, tranquilamente em casa para receber uma condecoração, um incêndio ceifara-lhes a vida. Foi nessa noite, inicialmente de brilho, ofuscado pelas cinzas da dor e da morte que ele desejou pela primeira vez que o Universo parasse. Como poderia a terra continuar a girar quando uma dor tão forte lhe dilacerava a alma? Como poderia sobreviver sem lar, sem família, sem amor? A partir daí, começou a sua saga de criatura errante, sem rumo nem norte, ansiando apenas pelo fim.

Porém, naquela noite de trovoada tudo mudou. A chuva e o vento fustigavam a vila. Não se via viva alma pelas ruas, apenas ele, a alma penada solitária, balbuciando a sua frase, como uma eterna prece...

De súbito, um clarão rasgou o céu de uma luz tenebrosa. Simultaneamente, perto da ponte ouviu-se um estrondo. Um automóvel caíra ao rio e submergia-se rapidamente nas águas. Sem hesitar, ele mergulhou. A porta do carro não abriu, porém, conseguiu partir um vidro com uma pedra. Retirou uma criança que chorava assustada com o estrondo e, por sorte, se encontrava protegida pela cadeira. Sentou-a na margem e voltou a entrar na água gelada.

A mulher que ia ao volante estava inconsciente e um fio de sangue escorria-lhe pelo rosto. Parecia quase uma estátua desprovida de vida, uma pobre marioneta do destino. A criança continuava a chorar, ancorada na margem do rio, enquanto, desesperadamente, chamava pela mãe. Restava-lhe muito pouco tempo para a salvar e o homem sentia que as forças se lhe escoavam implacavelmente. O carro ia afundando no lodo, devagar. Os faróis dianteiros já haviam desaparecido. As portas não abriam, era quase impossível quebrar outro vidro. Os pulsos sangravam-lhe, a água gelada turvava-lhe a respiração. A chuva era cada vez mais intensa. As mãos escorregavam cada vez que tentava quebrar o outro vidro.



A mulher continuava inconsciente, enquanto as águas barrentas a iam sepultando. De súbito, quando estava prestes a desistir, o vidro cedeu. Reuniu as últimas forças para desencarcerar a vítima, e, a muito custo conseguiu reanimá-la. Empurrou-a para a margem, para junto do filho.

A partir desse dia, o homem nunca mais foi visto. Teria abandonado definitivamente a sua peregrinação sem norte? A verdade é que a jovem mulher acreditou que um anjo a havia salvo a ela e ao filho. No estado de semi-inconsciência, em que se encontrava na altura, não identificou concretamente o seu salvador.

De novo, as histórias acerca do misterioso desaparecimento do homem germinaram como boninas ao despontar da Primavera. A verdade? Será tão relativa e diáfana como todas as histórias imaginadas. Mas podemos acreditar que, naquela noite, vinte anos depois de a sua existência lhe ter sido roubada, após ter salvo duas vidas, as forças o abandonaram definitivamente e o seu universo parou. O velho mago, bruxo, convertido em verdadeiro herói, apeou-se e repousou definitivamente, além-tempo e além-vida, numa etérea colcha de fé e de luz.